

RESUMO:

Desde Aristóteles se indaga o que caracteriza um texto para se denominá-lo como poesia. O poeta Horácio havia prometido explicar os fundamentos de um poema, mas nunca o fez. O estilo horaciano nas sátiras é a urbanidade, enquanto o de Juvenal é o ímpeto e entusiasmo. Caracteristicamente, Horácio sobreviveu principalmente como um poeta satírico, enquanto Juvenal, além de satírico, marcou seus versos com filosofia. Nosso mundo atual é em muitos caminhos uma continuação da presença de Juvenal, até em suportes de difusão midiática, como academia de ginástica, partido político e outros. Palavras-chave: sátira; Horácio; Juvenal; poesia; filosofia.

ABSTRACT

The satire is poetry?

From Aristotle ask what characterises a text to designate its like poetry. The poet Horace had promised to explain the foundations of a poem, but never did it. The Horatian style in the satires is the urbanity, while the of Juvenal is the impetus and enthusiasm. Characteristically, Horace survived chiefly as a satirist, Juvenal, além de satírico, marcou seus versos com filosofia. Juvenal, in addition to satirical, marked his verses with philosophy. Our modern world is in a lot of ways a continuation of the presence of Juvenal, until in supports of mass media, as academy of gymnastics, politics and others.

Keywords: satire; Horace; Juvenal; poetry; philosophy.

1. Introdução

Desde Aristóteles, há considerações sobre as características de um texto para classificá-lo como uma poesia. Para ele, a poesia *in fieri, em via de tornar-se (tal)*, procede de uma instância mimética, da *mimesis*, ou seja, poesia é um processo mimético e artístico a produzir os gêneros literários, como uma única matriz que interpreta o real, mas preenchendo-o com dados: ritmo, canto e verso, pertinência de objeto a ser descrito (o feio para a comédia, o sério para a tragédia e a epopéia) e a personagem elevada, donde tragédia e épica, ou inferior, como se dá na paródia e comédia. Tem-se, desse modo, a concretização de um modo estético realizado como gênero literário.

Horácio, na Sátira IV, prometeu, mas nunca cumpriu, distinguir se a sátira seria ou não poesia:

ergo

non satis est puris versum perscribere verbis,

quem si dissolvas, quivis stomachetur eodem 55

quo personatus pacto pater. his, ego quae nunc,

olim quae scripsit Lucilius,

Então não é bastante metrificar um verso com palavras simples, o qual (55) se tu o desfizeres (dissolvas), qualquer que seja o pai, neste mesmo episódio, se irritaria do mesmo modo¹.

Entretanto, o que Horácio defende aí? Neste caso, temos um específico que são os ensinamentos paternos do próprio Horácio, como declara nesta passagem mais adiante: *insuevit pater optimus hoc me, (v. 105), meu ótimo pai me acostumou a isto*, bem como, em outros lugares de sua obra, a sua educação escolar – como a do *plagosus Orbilius, as palmadas de Orbílio* – tudo isso se tornou pedra angular de sua filosofia. De suas sátiras, ele tem a intenção de retirar o estilo aristofânico *et alii*, típico da Comédia Antiga na Grécia, que se constituiu em ataques pessoais aos perversos daquela sociedade helênica. O seu estilo se construirá com urbanidade.

Ao contrário de Horácio, que não se incomodava com as ações dos poderosos – o que lhe valeu, em contraparte, uma acolhida no palácio de César Augusto, o poeta Juvenal, de espírito tão ardente que o fez experimentar o exílio, nos legou reflexões universais: *notas de universalidade da sua poesia provêm-lhe sempre da intensidade do sentimento, tornado incandescente ao chocar com a realidade externa.* (PARATORE, 1983: 760) Paratore (p.765) não oculta sua apreciação favorável a Juvenal, quando coteja seu estilo com o de Marcial (e incluirá, em seguida, o de Horácio), assinalando afinidade de estado de espírito, o que os levou a uma relação amistosa, assim:

(...) tal capacidade impelia Marcial para um fastidioso esmiuçar das suas expressões, para a não menos fastidiosa tendência a variá-las até ao infinito, com breves retoques, ao passo

¹ Horácio ilustra seu episódio com o caso de um filho, que, por pura paixão a uma prostituta, abre de um dote honroso de uma família, causando assim desgosto / irritação ao zeloso pai.

que Juvenal, quando em estado de graça, sabe organizar o amontoado dos particulares miúdos, num conjunto harmônico e robusto.

Mais, nestes casos ele parece o mais rico de motivos puramente artísticos, o poeta mais puro de todos os autores latinos de sátiras em verso, inclusivamente Horácio.

São notas realmente deveras presentes em todo tipo de manifestações da modernidade, até em suportes de difusão midiáticas: como título de academias de ginástica, como um trecho de seu versos, colhido da mesma *Sátira X*, 356: *Mens sana in corpore sano*, ou como argumentação política de *marketing* nesta outra expressão (v. 81): *Panem et circenses...* A sua presença é tão intensa que, mesmo com os estudos de Latim tão empobrecidos no Brasil, qualquer cidadão conhece a tradução literal destas expressões. Lamentamos, contudo, o desvio poético do contexto original. *Panem et circenses, Pão e circo (X, 81) – as duas únicas coisas que interessavam ao povo romano de sua época* (RÓNAI, 1980: 132), no contexto da obra denota um aspecto melancólico do povo romano, agora se sentindo cabisbaixo, ao contrário do que já fora: orgulhoso de suas vitórias na guerra impondo as leis com o escopo civilizador. Mas Paulo Rónai arrola exemplos outros usos quando cita José de Alencar: *Cobiça e prazer, 'panem et circenses' – eis o que move as massas quando as desampara a crença de liberdade e da dignidade popular*. E também Camilo Castelo Branco: *Fui a casa, e quietei o motim intestinal, como os imperadores romanos quietavam acanalha: 'panem', mas com manteiga, que os romanos não conheceram: o 'et circenses', traduzi-lho em café com leite*.

Ler o citado trecho do verso 81, *Sátira X*, como as únicas duas coisas que interessavam ao povo romano através de uma manipulação passiva do agente do poder público, ou então no mesmo sentido foucaultiano, ou seja, construindo um poder em cada indivíduo através da vontade pessoal, cuja consciência não está alienada, de alguma forma, no ato histórico. A História, como ciência, está longe de ser um absurdo, é inteligível, mas, ao contrário do que se pensa, não é de cunho linguístico, e não se subordina a uma interpretação semiológica, porque há um embate imperceptível se ocultando na belicosidade das personagens históricas. A historicidade se apaga ou as entrelinhas dos fatos se apagam e as injustiças sociais se multiplicam. Foi essa leitura que Paul Marie Veine (n. em 1930), historiador francês, realizou in: *Como se escreve a História*, e se lê abaixo:

Efetivamente, temos o costume de raciocinar em função de um alvo ou a partir de uma matéria. Por exemplo, eu acreditei e escrevi, erradamente, que o pão e o Circo tinham a finalidade de estabelecer uma relação entre governadores e governantes ou respondiam ao desafio objetivo que eram os governados. Mas, se os governados são sempre os mesmos, se têm os reflexos naturais de todo governado, se têm, naturalmente, necessidade de pão e de Circo, ou de se fazerem despolitizar, ou de se sentirem amados pelo Mestre, por que, só em Roma, eles receberam pão, circo e amor? Portanto, é preciso inverter os termos do enunciado: para que os governados sejam percebidos pelo Mestre unicamente como objetos que devem ser despolitizados, amados ou conduzidos ao Circo, é preciso que tenham sido objetivados como povo-rebanho; para que o Mestre só seja percebido como devendo fazer-se popular junto ao seu rebanho, é preciso que tenha objetivado como guia e não como rei-pai ou rei-sacerdote. Essas objetivações, correlatos de uma certa prática política, que explicam o pão e o Circo, que não se chegará nunca a explicar partindo dos governados eternos, dos governantes eternos e da relação eterna de obediência ou de despolitização que os liga, pois essas chaves entram em todas as fechaduras. Elas não abrirão jamais a compreensão para um fenômeno tão particular, tão precisamente datado, quanto é o pão e o Circo, a não ser que multipliquem as especificações, os acidentes históricos e a influências ideológicas, ao custo de um enorme palavrório. (p.158)

2. O Livro X, de Juvenal

Quanto à passagem *Mens sana...* (do v. 364), a deformação é total. Na X, em geral, Juvenal aborda a questão do voto, no sentido de expectativa ou desejo íntimo. O homem incomoda os deuses com seus votos desarrazoados, que, se escutados, podem reverter contra o próprio homem. Ele é cheio de desejos e, com isso, se prejudica, porque deseja a ele mesmo. Há lá, para um observador, muito para chorar, mas há também muito para rir: e Demócrito, no fundo, escolheu o partido certo (1-53).

Deseja-se o poder: lembrem-se da queda de Sejano, da covardia do povo diante do favorito abatido, e será conveniente que Sejano se equivoque na sua manobra para obter o poder. Tibério o condena à morte. Mas, para o povo, que só quer pão e circo (81), aceitaria a condenação do próprio Tibério, se fosse este que tivesse sido condenado à morte.

E os casos dos triúmviros Crasso (morreu em 53 a.C. numa armadilha quando tentava uma entrevista com o general dos partos (povo que deveria ser combatido por ele), Pompeu (apesar do seu prestígio, foi assassinado por ordem de Ptolomeu XII que queria agradar a César) e César (foi assassinado por seu próprio filho *Brutus*, que acreditava que César era um déspota) (54-113)?

Deseja-se eloquência: foi ela que arruinou Demóstenes (384 – 322 a.C. - o mais célebre dos oradores atenienses combateu e venceu os projetos ambiciosos de Filipe quanto a dominar imediatamente a Grécia, mas teve de se suicidar porque criou inimigos que desejavam destruí-lo) e Cícero (século I a. C., defensor da República, mas projetou um inimigo cruel contra si mesmo: Marco Antônio que o assassinou cruelmente (114-132).

De que vale a glória militar, o destino de Aníbal nos ensina (o único general que conseguiu enfrentar a poderosa Roma; fugiu de sua pátria Cartago pela porta dos fundos para salvar-se da ira do povo); também o de Alexandre (apesar de toda a conquista militar, morreu jovem) e de Xerxes (rei da Pérsia, teve de fugir para a Ásia, porque foi derrotado em Salamina, mesmo tendo obtido outras vitórias) (133-187).

Deseja-se longevidade: é preciso não esquecer a hediondez psíquica do velho, suas decadências morais e intelectuais, suas dores, seus achaques... Por exemplo, Nestor (é apresentado por Homero como sendo o mais sábio e experiente dos gregos no cerco de Tróia) e Príamo (viu o seu reino, Troia, incendiado pelos gregos) não teriam tido mais vantagem se morressem mais jovem (188-288)?

Uma mãe imprevidente pede aos Céus beleza para seu filho ou sua filha. Se ela suspeitasse os perigos que rodam a beleza: o efebo favorecido pela natureza será exposto aos caprichos de tiranos, ou à vingança de maridos. Que proveito tirou Hipólito (inspirou paixão incontrolável na sua madrasta Fedra, que, recusada pelo belo rapaz, se vingou rasgando as roupas para simular um estupro diante do pai dele, Teseu. Este apelou para seu pai divino, Posídon, pois sentiu-se impotente para castigar o filho. Posídon fez sair do mar um monstro que assustou os cavalos de Hipólito que cavalgavam puxando a carruagem do filho de Teseu à beira-mar em Trezena. Como Hipólito [composto de: ‘híppos’, cavalo; ‘lýein’, desatar] se esfacelou contra os rochedos, Fedra se enforcou de remorso.) ou Belerofonte disso mesmo(289-345)? (Belerofonte que recebeu a purificação de um assassinato e a hospedagem do rei Preto de Tirinto, inspirou a paixão da esposa real Anteia, conforme Homero, ou Estenebeia, como nos trágicos. Repudiada por Belerofonte, acusou-o de violentá-la. Preto transferiu para seu sogro que o castigo de Belerofonte, porque teve escrúpulos quanto à hospitalidade e à purificação realizada. Tal castigo se constituiu no combate à Quimera, o que tranqüilizou Ióbates, o sogro de Preto. Mas com o cavalo Pégaso, conseguiu derrotar a Quimera. Outras missões perigosas lhe foram dadas na tentativa de ele ser destruído. Ele retorna sempre vitorioso e se vingará de Estenebeia.)

*Vt tamen et poscas aliquid uouetasque sacellis
Extā et candiduli diuina tomacula porci,
Orandum est ut sit mens sana in corpore sano.
Fortem posce animum mortis terrore carentem,
Qui spatium uitae extremum inter munera ponat
Naturae, qui ferre queat quoscumque labores,
Nesciat irasci, cupiat nihil et potiores
Herculis aerumnas credat saeuosque labores,
Et uenere et cenis et pluma Sardanapalli.
Monstro quod ipse tibi possis dare; semita certe
Tranquillae per uirtutem patet unica uitae.
Nullum numen habes, si sit prudentia. Nos te,
Nos facimus, Fortuna, deam caeloque locamus.(354 - 66)*

Deve-se pedir que se tenha mente sã num corpo são,
Embora, ao revés, tu peças algo mais e prometas nos templos
As entranhas e as lingüiças divinas dos porcos brancos.
Peça um ânimo forte isento do terror da morte,
Como quem põe o extremo espaço da vida entre os dons da natureza,
Como quem possa suportar alguns labores,
Saiba não se irritar, nada deseje e antes
Cria melhores as provações de Hércules e as penosas tarefas
Do que tanto o prazer amoroso quanto banquetes, bem como as plumas de Sardanapalo. Eu mostro o que
podes encontrar em ti mesmo: o caminho
Único da tranqüilidade certamente abre-se pela virtude de vida.
Não tens nenhum poder, Fortuna, se houver prudência.

Nós, apenas nós, te tornamos deusa, ó Fortuna, e te colocamos nos céus.

3. Consideração Final

Como se vê, temos conselho para que se domine o desejo, se enfrente os percalços da vida e a aceitação de suas deficiências pessoais. Hércules era para a Antiguidade Clássica o símbolo daquele que livraria o mundo do mal sem ficar esperando qualquer retorno que o recompensasse pelos seus trabalhos. Portanto, uma ação heróica que só se realizaria por um verdadeiro filósofo do estoicismo.

4. Referências

- AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Lisboa: Delte, 1974.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HUMBERT, Jules. *Histoire Illustrée de La Littérature Latine*. Paris, Didier, 1932.
- JUVÉNAL. *Satires*. Texte établi ET traduit par Pierre de Labriolle ET François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- PARATORE, Ettore. História da Literatura Latina. Tradução de Manuel Losa, S.J. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- RÓNAY, Paulo. *Não Perca o seu Latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- VEINE, Paul. *Como se Escreve a História*. Tradução de Alda baltar e Maria A. Kneipp. Brasília: UnB, 1995.